

PB Cantado: Normas para a Pronúncia do Português Brasileiro no Canto Erudito

Adriana Kayama (UNICAMP)
Flávio Carvalho (UFU)
Luciana Monteiro de Castro (UFMG)
Martha Herr (UNESP)
Mirna Rubim (UNIRIO)
Mônica Pedrosa de Pádua (UFMG)
Wladimir Mattos (UNESP)

A sistematização e consolidação de um conjunto de normas para a pronúncia do idioma português brasileiro cantado na música erudita, conforme a proposta aqui apresentada, é fruto da colaboração de um grupo de pesquisadores e cantores brasileiros que tiveram como ponto de partida as atividades do Grupo de Trabalho (GT) “A Língua Portuguesa no Repertório Vocal Erudito Brasileiro” (XIV Congresso da ANPPOM – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Porto Alegre, 2003).

As discussões realizadas neste Congresso e as pesquisas subseqüentes deram subsídios para a realização do 4º Encontro Brasileiro de Canto – “O Português Brasileiro Cantado” (São Paulo, fevereiro de 2005). Este evento, de abrangência internacional, teve como principal finalidade promover uma pesquisa de opinião junto à comunidade de cantores representantes de grande parte dos estados brasileiros e do exterior quanto aos principais aspectos da pronúncia e da representação fonética do português brasileiro cantado. Os estudos realizados até esta data contribuíram para a definição de uma primeira versão das Normas.

Ainda em 2005, o GT “O PB cantado – Novas Estratégias de Investigação” (XV Congresso da ANPPOM, Rio de Janeiro) foi palco de discussão e elaboração das deliberações do 4º Encontro Brasileiro de Canto, resultando na avaliação e consolidação das Normas estabelecidas a partir daquele encontro.

KAYAMA, Adriana; CARVALHO, Flávio; CASTRO, Luciana Monteiro de; HERR, Martha; RUBIM, Mirna; PÁDUA, Mônica Pedrosa de; MATTOS, Wladimir. PB Cantado: Normas para a Pronúncia do Português Brasileiro no Canto Erudito. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 16-38, dez. 2007.

Estes resultados foram publicados no Boletim da ABC – Associação Brasileira de Canto (v. 7, n. 28, out./nov. 2005). Juntamente, foram incluídas a lista de todos os presentes no 4º Encontro Brasileiro de Canto, a descrição de todo o processo de elaboração da tabela normativa, bem como sua primeira versão, chamada na época de “Manual da Pronúncia Neutra para o Português Brasileiro Cantado”.

As pesquisas desenvolvidas nesta área desde 2005, a publicação do Boletim da ABC, e ainda, as discussões estabelecidas pelo GT “O Português Brasileiro Cantado” (XV Congresso da ANPPOM, Rio de Janeiro, 2005), apontavam para a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na revisão e estabelecimento da tabela fonética das Normas. Diante destas constatações, o GT “O Português Brasileiro Cantado” (XVI Congresso da ANPPOM, Brasília, 2006) foi proposto com o objetivo de consolidar as ações anteriores e avançar nas pesquisas sobre a utilização do IPA (International Phonetic Alphabet). Com o intuito de revisar pontos importantes da tabela normativa publicada em 2005, com ênfase na definição dos símbolos fonéticos a serem utilizados, a lingüista Thäis Cristóforo Silva foi convidada como consultora neste GT.¹

Em 2007, no GT “O Português Brasileiro Cantado” (XVII Congresso da ANPPOM, São Paulo, 2007), foram feitas as alterações e aperfeiçoamentos nos conteúdos dos trabalhos anteriores. Considerando-se as suas eventuais divergências em relação aos padrões propostos pela Academia Brasileira de Letras (ABL), valorizaram-se soluções que atendessem às necessidades dos cantores, professores de canto, professores de dicção, co-repetidores, maestros, enfim, todos os profissionais do canto.

Com a publicação de Normas para a Pronúncia do Português Brasileiro no Canto Erudito, encerra-se a tarefa inicial de estabelecer um padrão de pronúncia reconhecivelmente brasileira para o canto erudito, sem estrangeirismos ou regionalismos, reservando-se a consideração das influências internacionais e das importantes variedades regionais e históricas da nossa língua para estudos futuros.

História das normas

Quando, em 1938, foram publicadas as Normas para a “bôa pronúncia da língua nacional no canto erudito”, resultado das reuniões do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada de julho de 1937, foi divulgada a intenção dos participantes deste primeiro Congresso de realizar um segundo Congresso em 1942 “a fim de serem

¹ O convite a Thäis Cristóforo Silva foi feito em decorrência do seu workshop “Algumas questões fonéticas acerca da tabela normativa para a pronúncia do português brasileiro cantado”, oferecido durante o III Seminário da Canção Brasileira na Escola de Música da UFMG, 2005.

homologadas oficialmente as decisões de agora e corrigidas as que a maior experiência do tempo assim aconselhar.” (NORMAS, 1938, p. 2) O texto das Normas fecha com a seguinte advertência:

A fixação destas normas não implica de forma alguma a fixação definitiva e irrecorrível da fonética da língua-padrão. Por isso mesmo foram elas chamadas “normas” e não “leis”. Casos há que, embora definidos pela atenção aguda e cautelosa de filólogos eminentes, carecem ainda de comprovação experimental. Outros casos há também, dependentes de mais completa generalização, não só porque as línguas vivas são manifestações humanas de perpétua evolução.. Verificações experimentais ulteriores bem como fixações novas que porventura apareçam, deverão transformar necessariamente as normas que com elas colidam. (p. 35)

A grande preocupação do Primeiro Congresso foi o estabelecimento de uma língua-padrão, “animado pelo desejo de bem servir à causa da nacionalidade brasileira nas artes da linguagem e do canto.” (p. 6) O sonho de Mário de Andrade de unificar o Brasil através da língua e das manifestações culturais deixou as Normas com um forte tom político/patriótico. A ideologia do Estado Novo já dominava o pensamento da época e as preocupações eram muito mais que unicamente artísticas.

Por razões também políticas, um segundo Congresso nunca aconteceu. Porém, em 1956 realizou-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro em Salvador, Bahia. Nos Anais, publicados em 1958, encontram-se as Normas fixadas pelo Congresso. Em fevereiro de 2005, a ABC promoveu o 4º Encontro Brasileiro de Canto, em São Paulo, com a intenção de revisar as Normas do Português Brasileiro no canto erudito.

Em 1956 não houve a mesma preocupação com uma língua-padrão e um reconhecimento de uma tendência progressiva a uma maior unidade na fala. No seu discurso de instalação, o Prof. Celso da Cunha, Presidente Executivo do Congresso, comentou que através do rádio, a televisão e o cinema, entre outros meios (sem mencionar o canto), o padrão culto terá uma tendência a se propagar nacionalmente. Ele sugere a possibilidade de adotar “uma média de falar equidistante de todos os padrões básicos regionais”, como a pronúncia neutralizada do inglês utilizado nos Estados Unidos e outros países da Europa por cantores, atores e telejornalistas em rede nacional.

A preocupação principal do Encontro de 2005 foi mais prática do que teórica. Ao contrário ao Congresso de 1937, a participação maciça de cantores e professores de canto e dicção neste Encontro fez com que a praticidade e facilidade de utilização das Normas Reconhecendo divergências nas pronúncias regionais como uma riqueza do português brasileiro, o Encontro de 2005 procurou achar aquela “média de falar equidistante de todos

os padrões básicos regionais” que Celso da Cunha tinha sugerido em 1956. Tentando evitar “bairrismos” e admitindo a necessidade de ter pelo menos uma pronúncia básica do português brasileiro para a utilização por parte de estrangeiros que queiram aproveitar do repertório brasileiro, os participantes votaram uma tabela fonética que visasse a adoção de um português “neutro” – sem regionalismos –, reconhecendo que ainda há muita necessidade de estudo sobre as manifestações regionais, folclóricas e históricas. A esperança é que a maioria dos cantores brasileiros adote aos poucos esta pronúncia não regional. No caso de uma música com teor incontestavelmente regional, é de ser esperado que cantores da região da composição ou do compositor cantem com seu “sotaque”. Porém, com risco de caricaturas, é difícil para cantores de outras regiões imitar um “sotaque”. Por esta razão a importância do português brasileiro “neutro” – reconhecivelmente brasileiro e nacional, não importando a origem do cantor. A próxima etapa de discussão para futuras modificações nas Normas será dedicado às falas regionais brasileiras e à pronúncia do português na música histórica brasileira.

Apresentação da tabela

As presentes Normas para a Pronúncia do Português Brasileiro no Canto Erudito foram organizadas em um formato de tabela bastante usual, de modo similar aos que tradicionalmente se apresentam nos documentos das áreas de lingüística, fonoaudiologia e também nos estudos fonético-articulatórios aplicados ao canto.

Em linhas gerais, a tabela considera a subdivisão tradicional dos símbolos ortográficos do PB, bem como dos seus correspondentes símbolos fonéticos, nas categorias de vogais e consoantes, com a apresentação de cada um dos componentes destas categorias de acordo com a ordem alfabética. Ambas as categorias compreendem ainda alguns casos especiais de seqüências de símbolos ortográficos que, uma vez combinados, representam formas de pronúncia específicas (como no caso dos encontros vocálicos, encontros consonantais e nasalizações).

Tanto o quadro das vogais quanto o das consoantes se estabelecem com a justaposição de quatro colunas, respectivamente relacionadas às letras ou símbolos ortográficos que representam os fonemas do PB (símbolos ortográficos), aos símbolos adotados para a transcrição fonética destes símbolos ortográficos (símbolos fonéticos), às informações essenciais para a transcrição e pronúncia do PB Cantado (Transcrição e pronúncia: informações essenciais), além de alguns dados complementares e notas sobre eventuais exceções às propostas apresentadas (Informações complementares).

Os símbolos fonéticos propostos foram selecionados a partir do padrão estabelecido pela International Phonetic Association, que desde o final do século XIX se

dedica à proposição, ampliação e constante atualização do IPA - International Phonetic Alphabet (IPA), resultado da identificação, classificação e registro de traços fonético-fonológicos das mais diversas línguas naturais e artificiais do mundo.

Como critério de seleção, levou-se em consideração tanto algumas características fonético-fonológicas do PB quanto, em alguns casos mais específicos, aproximações que favorecessem a uma compreensão internacional da transcrição fonética e pronúncia deste idioma, sobretudo quanto a determinados usos cultivados tradicionalmente na prática do canto.

Mais informações sobre a proposição original e a evolução dos símbolos fonéticos referenciais do PB Cantado podem ser encontradas no *Handbook of the International Phonetic Association* (ver referências bibliográficas abaixo). Nesta publicação, também se pode encontrar a nomenclatura oficialmente proposta pela Associação no intuito de estabelecer uma denominação padrão para estes símbolos, incluindo-se nomes utilizados para identificar os símbolos originários de idiomas como o grego e o latim, e nomes atribuídos àqueles símbolos especialmente criados para o alfabeto fonético.

Quanto à não inclusão desta nomenclatura na tabela do PB Cantado, além do fato de que se trata de uma informação já amplamente divulgada, os nomes dos símbolos estariam relacionados ao inglês, uma vez que ainda é necessária a criação de uma nomenclatura mais relacionada ao PB.

Cada uma das ocorrências mencionadas na tabela, bem como suas variações e exceções, foram ilustradas com exemplos apresentados geralmente entre parênteses e com as seguintes características:

1. apresentação da transcrição ortográfica da palavra com o uso de caracteres em itálico e escansão silábica destacada por hífen, assim como geralmente ocorre nas edições musicais (ex.: *pa-la-vra*);
2. em seguida à transcrição ortográfica, apresentação da transcrição fonética, entre colchetes, com o uso de caracteres IPA, sílaba tônica precedida por sinal semelhante ao apóstrofe e escansão silábica destacada por pontos (ex.: [pa'la.vre]).

Especialmente quanto à escansão silábica, seguimos a proposição da Academia Brasileira de Letras, confirmada por outras fontes de igual credibilidade, de que deve ser decorrente da soletração e não da consideração da etimologia das palavras.

Quanto à transcrição fonética, nesta edição foi representada especificamente com a utilização da fonte Doulos SIL, uma das mais difundidas fontes de caracteres do IPA no

padrão Unicode, criada e disponibilizada gratuitamente pelo SIL International (www.sil.org). Sem a utilização de uma fonte como esta os programas de edição/leitura de textos e os programas de navegação na internet não permitiriam que os símbolos fonéticos fossem visualizados e/ou digitados corretamente.

Entre as informações essenciais para a transcrição e pronúncia lingüística/musical do PB Cantado, destacam-se aquelas que valorizam as características históricas, estruturais, técnicas e estéticas do PB, relacionáveis a uma certa noção de norma culta da língua, na maneira como ela é escrita e falada contemporaneamente no Brasil. Por esta razão, controvérsias quanto a algumas propostas da norma que se apresenta como padrão são pertinentes, entre elas, a questão do grau de influência de determinadas variações regionais do PB sobre a proposição desta própria norma. Um exemplo disso é o caso da letra ‘r’.

Outro tipo de ocorrência considerado com bastante cautela são os encontros vocálicos e a sua caracterização na escansão silábica enquanto ditongos (vogais pronunciadas em uma mesma sílaba) e hiatos (vogais pronunciadas em sílabas diferentes).

Neste contexto, são razões fundamentalmente sonoras/musicais que justificam a inclusão do sinal [:] como índice do prolongamento da vogal anterior a ele, em relação à semivogal posterior, nos ditongos decrescentes (ex.: [o:I], na palavra *noi-te* [no:I.tʃɪ]).²

A abordagem musical e a consideração da pronúncia do PB Cantado permitem, a partir da referência das tradições do canto erudito em outros idiomas, o estabelecimento de soluções bastante funcionais quanto a alguns casos típicos e controversos do PB (como os casos de nasalização, cuja pronúncia poderia ser orientada pela oposição entre os padrões do francês e do italiano).

De um ponto de vista prosódico, em um nível que ultrapassa a delimitação das palavras, foram destacados alguns casos especiais em que a pronúncia de uma letra final de

² Nas Normas de 1938, são dedicados 12 páginas à discussão de ditongos e hiatos, incluindo a criação dos mesmos pela ligação de palavras. Grande parte destas doze páginas é dedicada a exemplos musicais na tentativa de definir como será dividido o valor de uma nota (ou notas) para acomodar ditongos e tritongos musicalmente. Sobre a ligação de palavras e tritongos, os autores das normas admitiram a impossibilidade de fixar normas para a solução musical de ligação destes casos. “Cada frase tem seu ritmo e psicologia próprios, impossíveis de reduzir a casos gerais. O problema dependerá, pois, quase exclusivamente da inteligência e da expressividade tanto do compositor como do cantor.” (NORMAS, 1938, p. 28) Como se poderia esperar, as Normas da Língua Cantada manifestam grande preocupação com os problemas criados pela união da linguagem e a voz produzida para cantar e continua válida a maioria das observações feitas naquele documento. Grande parte do texto das Normas de 1938, incluindo a discussão dos ditongos, tritongos e hiatos (sem os exemplos musicais) pode ser encontrada nos livros de Vasco Mariz – a *Canção brasileira de câmara* (2002) e *A Canção Brasileira* (primeira publicação em 1948, com várias edições subsequentes), para quem não tem acesso às normas na sua forma original.

determinada palavra altera o seu comportamento padrão em virtude da correlação com a letra inicial de uma palavra seguinte.

Em alguns casos, sobretudo em situações controversas quanto à acentuação tônica de determinadas palavras, o leitor é convidado a consultar um dicionário, como extensão às informações essenciais e complementares da tabela.

Esta mesma sugestão pode ser compreendida em outros casos cujas características prosódicas são peculiares, entre eles: as palavras monossilábicas; as palavras terminadas em consoantes diferentes das que constam na tabela (sobretudo as oriundas de outros idiomas); alguns casos de encontros consonantais entre as margens de sílabas diferentes de uma mesma palavra, sujeitos à ocorrência de epêntese (inclusão de uma vogal entre as consoantes, com a valorização do ritmo silábico).

Finalmente, também é importante ressaltar que, como critério, foram desconsideradas as mudanças quanto à ortografia e pronúncia previstas pela iminente reforma ortográfica do PB, a ser implementada em conjunto com os demais países falantes do português. Este critério se justifica pelo simples fato de que, além de controversas, estas mudanças não entrariam em vigor até a data da publicação deste artigo e, certamente, poderiam causar equívocos quanto à ortografia vigente nas edições de partituras brasileiras atualmente disponíveis ao público.

Participantes dos Grupos de Trabalho e Comissão da Associação Brasileira de Canto para finalização da tabela:

Thaís Cristófaros da Silva (UFMG), consultora

Fernando Carvalhaes Duarte (UNESP), *in memoriam*

Adriana Kayama (UNICAMP)

Angêla Barra (UFG)

Beatriz Raposa de Medeiros (USP)

Cirene Papparotti, Elke Riedel (UFRN)

Flávio Carvalho (UFU)

Luciana Monteiro de Castro (UFMG)

Luciana Nunes Kiefer (UNESP)

Luciano Simões da Silva (UNICAMP)

Margarida Borghoff (UFMG)
Maria Elisa Pereira (USP)
Martha Herr (UNESP)
Mirna Rubim (UNIRIO)
Mônica Pedrosa de Pádua (UFMG)
Stela Brandão
Vianey dos Santos (UFPB)
Wladimir Mattos (UNESP)

Referências

ANAIS do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.

ANDRADE, Mário de. NORMAS para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito. In: *Revista brasileira de música: Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil*, v. 5, n. 1, p. 1-35, 1938.

_____. Os compositores e a língua nacional. In: *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins, p. 41-118, 1965.

APPELMAN, Dudley Ralph. *The science of vocal pedagogy*. Indiana: Indiana University Press, 1986.

ARNOLD, Márcia Rafaela. *Questões de pronúncia do português brasileiro na década de 30*. (no prelo).

BECHARA, Evanildo. A norma culta frente à democratização do ensino. In: Ciclo de conferências “A língua em debate”. Academia Brasileira de Letras, Conferências 2000. Disponível em
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=4284&sid=531>>

BRANDÃO, Stela Maria Santos. *The Brazilian art song: a performance guide utilizing selected works by Heitor Villa-Lobos*. New York, 1999. Tese (Doutorado) – Teachers College, Columbia University.

_____. A problemática da dicção lírica brasileira. In: *A voz no século XXI*, II CONGRESSO BRASILEIRO DE CANTO, out. 2002.

_____. Normas da dicção lírica brasileira: seis décadas de defasagem e controvérsias – avaliando resultados e retomando o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. *ARTEunesp*, v.16, p. 86-99, 2003-2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

_____. *Análise fonológica, introdução à teoria e à prática*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

COLORNI, Evelina. *Singer's Italian*. New York: Schirmer Books, 1979.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Algumas questões fonéticas a cerca da tabela normativa para a pronúncia do português brasileiro cantado. III SEMINÁRIO DA CANÇÃO BRASILEIRA, Belo Horizonte, Escola de Música da UFMG, 2005. Workshop oferecido durante o evento.

_____. Algumas questões representacionais a cerca da tabela normativa para o português brasileiro cantado. *Per Musi*, n. 15, p. 26-34, 2007.

DE'ATH, Leslie. The merits and perils of the IPA for singing. *Journal of singing*, v. 57, n. 4, p. 57-68, 2001.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel. *Ouvir falar: introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho, 1988.

DUARTE, Fernando José Carvalhaes. A fala e o canto no Brasil: dois modelos de emissão vocal. *ARTEunesp*, v. 10, p. 87-97, 1994.

_____. O chá das sílabas: o canto e o padrão respiratório da fala no Brasil. In: FERREIRA, Leslie Piccolotto; OLIVEIRA, Iara Bittante de; QUINTEIRO, Eudisia Acuña; MORATO, Edwiges Maria (orgs.) *Voz profissional: o profissional da voz*. Carapicuíba: Pró-Fono Departamento Editorial, 1995, p. 57-66.

_____. A sílaba (tonta de tanto tom) na boca das eras: notação prosódica da música brasileira. In: MATOS, Cláudia N. de; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de;

TRAVASSOS, Elizabeth (orgs). *Ao encontro da palavra cantada – poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2001, p.141-152.

_____. Aplicação de uma transcrição fonética para o canto no Brasil. *ARTEunesp*, São Paulo, v. 16, p. 156-171, 2003-2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA NETTO, Waldemar. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

FRANÇA, Angela. Problemas na variante tensa da fala carioca. *Revista DELTA: Documentação de estudos em lingüística teórica e aplicada*. São Paulo, v. 20 (esp.), p. 33-58, 2004.

_____. A diversidade ‘fonético fonológica’ e as normas da pronúncia padrão em 1937. *Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística*, n. 3, 2001.

GRUBB, Thomas. *Singing in French: a manual of French diction and French vocal repertoire*. Nova York: Schirmer Books, 1979

Handbook of the International Phonetic Association: A guide to the use of the international phonetic alphabet. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HERR, Martha. A problemática da dicção lírica brasileira. *A voz no século XXI*. II CONGRESSO BRASILEIRO DE CANTO, out. 2002.

_____. As normas da boa pronúncia do português no canto e no teatro: comparando documentos de 1938 e 1958. *ARTEunesp*, v. 16, p. 56-67, 2003-2004.

_____. Mudanças nas normas para a boa pronúncia da língua portuguesa no canto e no teatro no Brasil: 1938, 1956 e 2005. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 15. p. 35-40, 2007.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>

HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. Proposta de notação fonológica do português do Brasil. *Alfa, Revista de Lingüística*, v. 30/31, p. 65-83, 1986/87.

IMAGUIRE, Lígia Maria Campos (org). *As línguas do Brasil – tipos, variedades regionais e modalidades discursivas*. São Paulo: Departamento de Lingüística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2001. P. 73-83. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dl/download/franca.doc>>

KAYAMA, Adriana. Tendências de neutralização de regionalismos no português brasileiro no telejornalismo: uma observação perceptivo/auditiva. *ARTEunesp*, São Paulo, v.16, p.10-25, 2003-2004.

KYRILLOS, Leny Cristina Rodrigues. A Comunicação na televisão: reflexões a partir do trabalho realizado com repórteres. In: FERREIRA, Leslie Piccolotto; OLIVEIRA, Iara Bittante de; QUINTEIRO, Eudisia Acuña; MORATO, Edwiges Maria (orgs.) *Voz profissional: o profissional da voz*. Carapicuíba: Pró-Fono Departamento Editorial, 1995, p. 121-135.

_____ (org.) *Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiências na Rede Globo de Televisão*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

_____ ; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah. *Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação*. São Paulo: Globo, 2003.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LIMA, P. E. *Aí, véi? Aos 40 anos, Brasília começa a ter um jeito característico de falar*. *Correio Braziliense*. Caderno Cidades, 12 mai. 2000.

MARIZ, Vasco. *A canção brasileira: erudita, folclórica e popular*. 4.ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.

_____. *A canção brasileira de câmara*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

MARSHALL, Madeleine. *The singer's manual of English diction*. New York: Schirmer Books, 1979.

MARTINS, Maria Raquel Delgado. *Ouvir falar, introdução à fonética do português*. Lisboa: Caminho, 1988.

MATEUS, Maria Helena Mira; D'ANDRADE Ernesto. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS, Wladimir Farto Contesini de. *Análise prosódica como ferramenta para a performance da canção – um estudo sobre as Canções de Amor de Cláudio Santoro e Vinícius de Moraes*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1986 (1.ed 1970).

MEDEIROS, Beatriz Raposo de. *Descrição comparativa de aspectos fonético-acústicos selecionados da fala e do canto em português brasileiro*. Campinas, 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP.

_____. O português brasileiro e a pronúncia do canto erudito: reflexões preliminares. *ARTEunesp*, v. 16, p.46-55, 2003-2004.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística*. São Paulo: Contexto. 2003.

MORIARTY, John. *Diction: Italian, Latin, French, German... the sounds and 81 exercises for singing them*. Boston: Schirmer Music, 1975.

MOTTA MAIA, Eleonora. *No reino da fala, a linguagem e seus sons*. São Paulo: Ática, 1985.

NORMAS para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito, ditadas pelo Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado em São Paulo, em 1937. In: MARIZ, Vasco. *A canção brasileira: erudita, folclórica e popular*. 4.ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.

ODOM, William. *German for singers: textbook of diction and phonetics*. New York: Schirmer Books, 1981.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (R) em final de sílaba. *Revista de estudos da linguagem*, v. 6, n. 2, p. 70-97, 1997.

PEREIRA, Maria Elisa; KERR, Dorotéa Machado. O Departamento de Cultura do Município de São Paulo e o Congresso da Língua Nacional Cantada. *ARTEunesp*, v. 16, p. 114-139, 2003-2004.

PULLUM, Geoffrey; LADUSAW, William. *Phonetic symbol guide*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

RELATÓRIO GERAL: A VOTAÇÃO DOS FONEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO CANTO ERUDITO. Assembléia realizada no IV Encontro Brasileiro de Canto, Mirna Rubim, ed. In: *Boletim da Associação Brasileira de Canto*, v. 7, n. 28, out./nov. 2005.

RUBIM, Mirna. Controvérsias do português brasileiro para o canto erudito: uma sugestão de representação fonética. *ARTEunesp*, v. 16, p.68-85, 2003-2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. *Estudos de fonética do idioma português*. São Paulo: Cortez, 1982.

SMITH, Lloyd A.; SCOTT, Brian S. Increasing the intelligibility of sung vowels. In: *Journal of Acoustical Society of America*. v. 67, n. 5, p.1795-97, 1980.

SUNDBERG, Johan. The acoustics of the singing voice. *Scientific American*, v. 236, n. 3, p. 82-91, 1977.

TABELA NORMATIVA PARA O PORTUGUÊS CANTADO. *Boletim da Associação Brasileira de Canto*, v. 7, n. 28, out./nov. 2005.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergejevitch. *Principes de phonologie*. Paris: Klincksieck, 1964 (1.ed. 1939)

WALL, Joan. *International phonetic alphabet for singers*. Dallas: Pst. Inc, 1989.

Anexo

VOGAIS			
Símbolo ortográfico	Símbolo fonético	Transcrição e pronúncia: informações essenciais	Informações complementares
a	[a]	Em posição tónica (<i>ga-to</i> [ˈga.tu]), posição átona pretónica (<i>a-bri-go</i> [aˈbri.gu]) ou postónica medial (<i>sa-ba-da</i> [ˈsa.ba.du]).	Exceção: casos em que a letra ‘a’ ocorre antes das consoantes ‘m’ ou ‘n’ (ver a seguir os casos de ‘am’ e ‘an’).
	[ɐ]	Em posição átona final (<i>gota</i> [ˈgo.tɐ]).	
	[a]	Sempre (<i>ti-lás</i> [ˈliˈlas]).	
	[a]	Sempre (<i>á</i> [a], <i>á-que-le</i> [aˈke.li]).	
	[ɛ]	Sempre (<i>ir-mã</i> [iˈmɛ]).	O símbolo [ɛ] foi escolhido para representar o nasal brasileiro da vogal ‘a’, ao invés de [ã], a fim de evitar eventuais equívocos, principalmente entre estrangeiros, tendo em vista que o símbolo [a] representa o som de uma vogal aberta e frontal e o [ɛ] representa o som de uma vogal entre a articulação semi-aberta e aberta, em posição central.
ái	[aːi]	Caracterização do ditongo decrescente [aːi], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>bai-xo</i> [ˈba.i.ʝ]).	Exceção: se o encontro vocálico ‘ai’ for seguido pela letra ‘r’, as vogais ‘a’ e ‘i’ passam, em geral, a caracterizar um hiato e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>sa-ir</i> [saˈiɾ]). Há casos contrários a esta exceção, (<i>pai-ra</i> [ˈpa.i.rɐ]).
ái	[aːi]	Se a letra ‘i’ for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [aːi], e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>sa-i-da</i> [saˈi.dɐ]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tónica da palavra.
au	[aːu]	Caracterização do ditongo decrescente [aːu], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>frai-de</i> [ˈfra.u.dɐ]).	
áu	[aːu]	Se a letra ‘u’ for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [aːu] e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>sa-í-de</i> [saˈu.dɐ]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tónica da palavra.
ãi	[ɛːi]	Caracterização do ditongo nasal decrescente [ɛːi], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>cái-bra</i> [ˈkɛ.i.brɐ]).	Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.
ãe	[ɛːi]	Caracterização do ditongo nasal decrescente [ɛːi], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>mãe</i> [mɛːi]).	Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.
ão	[ɛːu]	Caracterização do ditongo nasal decrescente [ɛːu], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>pão</i> [pɛːu]).	Nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas.

am, an, âm, ân	[ã]	Se as letras 'a' ou 'â' forem seguidas pelas letras 'm' ou 'n', na mesma sílaba, formando as seqüências 'am', 'ân' e 'ãn', devem ser pronunciadas como [ã] (<i>sam-ba</i> [sã.be], <i>can-to</i> [kã.tu], <i>cân-ti-co</i> [kã.tʃi.ku]). Em sílabas tônicas, se forem seguidas por outra sílaba iniciada por 'm' ou 'n', as letras 'a' ou 'â' devem ser pronunciadas como [ã] (<i>a-mo</i> [ã.mu], <i>a-no</i> [ã.nu], <i>cã-ma-ra</i> [kã.ma.rã], <i>â-ni-mo</i> [ã.ni.mu]).	Ao contrário do francês, nos casos de nasalização com a ocorrência de 'am', 'ân', 'ãn' na mesma sílaba, o 'm' e o 'n' devem ser levemente pronunciados. Em sílabas pretônicas, se for seguida por outra sílaba iniciada por 'm' ou 'n', a letra 'a' deve ser pronunciada como [ã] (<i>a-mor</i> [ã.mor], <i>a-nô-ni-mo</i> [ã.no.ni.mu]).
	[ẽ:u]	Em posição átona final, em verbos, a seqüência de letras 'am' deve ser pronunciada como um ditongo nasal decrescente (<i>fó-ram</i> [fo.rẽ:u]).	A letra 'ã' ocorre sempre em sílabas tônicas. Assim como nos ditongos nasais, ambas as vogais devem ser nasalizadas. O 'm' deve ser levemente pronunciado.
e	[e] ou [ɛ]	Em posição tônica, a pronúncia da letra 'e' varia arbitrariamente de acordo com as palavras, podendo ser [e] (<i>e-ma</i> [te.mã]) ou [ɛ] (<i>e-to</i> [ɛ.tu]).	Exceção: casos em que a letra 'e' ocorre antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'em' e 'en'). Devido a esta arbitrariedade no uso de [e] ou [ɛ], em caso de dúvida, é recomendável a consulta a um dicionário da língua portuguesa brasileira.
	[ɛ]	Em posição pretônica e pos tônica medial, a letra 'e' deve ser pronunciada como [ɛ] (<i>de-i-rio</i> [de'i.ɾi.u], <i>có-le-ra</i> [ko'le.rɛ]).	Exceção: 1. casos em que a letra 'e' ocorre antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'em' e 'en'); 2. a pronúncia alternativa [ɪ] pode ocorrer eventualmente, em sílabas pretônicas, como variação de [e] (<i>me-ni-no</i> [mɪ'ni.nu]).
	[i]	Sempre em posição átona, em final de palavra (<i>fó-me</i> [fɔ.mi]).	
é	[ɛ]	Sempre (<i>ca-fé</i> [ka.fɛ]).	Exceção: casos em que a letra 'e' ocorre antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'em' e 'ens').
ei	[e:i]	Caracterização do ditongo decrescente [e:i], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>bei-jo</i> [be.i.ʒu]).	
eí	[e'ɪ]	Se a letra 'i' for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [e'ɪ] e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>ve-i-cti-lo</i> [ve'i.ku.lu]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tônica da palavra.
éi	[ɛ:i]	Caracterização do ditongo decrescente [ɛ:i], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>am-éis</i> [ã'ne:is]).	
éo	[ɛ:u]	Caracterização do ditongo decrescente [ɛ:u], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>au-réo-la</i> [au're:u.lɐ]).	Em edições antigas podem ser encontradas palavras com as formas ortográficas 'éo', 'eo' que atualmente são escritas como 'éu', 'eu' (<i>céo</i> [se:u], <i>seo</i> [se:u]).
eu	[e:u]	Caracterização do ditongo decrescente [e:u], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>deu-sa</i> [de:u.za]).	

eú	[e'u]	Se a letra 'u' for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [e'u] e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>con-te-á-do</i> [kõ.te'u.do]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tônica da palavra.
éu	[ɛ:u]	Caracterização do ditongo decrescente [ɛ:u], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>cha-péu</i> [ʃa'pe:u]).	
em, em, ên	[ɛ̃]	Se as letras 'e' ou 'ê' forem seguidas pelas letras 'm' ou 'n', na mesma sílaba, formando as seqüências 'em', 'en' e 'ên', devem ser pronunciadas como [ɛ̃] (<i>sem-pre</i> [sɛ̃.pɾi], <i>a-ten-ção</i> [a.tɛ̃.sɛ̃:u], <i>apên-di-ce</i> [a.pɛ̃.dʒi.sɪ]).	Ao contrário do francês, nos casos de nasalização com a ocorrência de 'em', 'en', 'ên' na mesma sílaba, o 'm' e o 'n' devem ser levemente pronunciados.
em, êm, ém, éns	[ɛ̃:r] ou [ɛ̃:rs]	Sempre em finais de palavras, as seqüências de letras 'em', 'ém', 'ên' e 'éns' devem ser pronunciadas como ditongos nasais decrescentes (<i>bem</i> [bɛ̃:r], <i>têm</i> [tɛ̃:r], <i>tam-bém</i> [tã'bɛ̃:r], <i>pa-ra-béns</i> [pa.ra'bɛ̃:rs]).	A pronúncia alternativa [ĩ] pode eventualmente ocorrer como variação de [ɛ̃], principalmente para as ocorrências de 'em' ou 'en' estabelecidas em posição pretônica (<i>em-bo-ra</i> [ĩ'bo.ra]).
i			Nestes casos, ambas as vogais devem ser nasalizadas. O 'm' ou 'n' finais devem ser levemente pronunciados.
i ou í	[i]	Sempre (<i>is-to</i> [is.tu], <i>a-ni-mal</i> [a.ni'ma:u], <i>ca-qui</i> [ka.ki]).	Exceção: 1. se a letra 'i' é pronunciada como semivogal [j] nos ditongos crescentes (<i>sé-rio</i> [sɛ.rjɔ]); 2. casos em que a letra 'i' ocorra antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'im', 'ím', 'in' e 'ín').
i + vogal	[i] ou [j]	Se a letra 'i' não acentuada for seguida por outra vogal não acentuada este encontro vocálico pode ser pronunciado de duas maneiras distintas: 1. como ditongo crescente, com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba e realização de 'i' como semivogal (<i>fê-rias</i> [fɛ.rjɛs]); 2. como hiato, com a separação das duas vogais em duas sílabas distintas e a representação de 'i' como vogal (<i>fê-ri-as</i> [fɛ.rɪ.ɐs]).	A escolha da variante mais adequada para estes casos é facultativa e poderá ser motivada por razões de ordem técnica ou estilística.
im, ím, in, ín	[ĩ]	Se as letras 'i' ou 'í' forem seguidas pelas letras 'm' ou 'n', na mesma sílaba, formando as seqüências 'im', 'ím', 'in', 'ín', devem ser pronunciadas como [ĩ] (<i>lim-po</i> [li.po], <i>im-pe-to</i> [ĩ.pe.tu], <i>cim-to</i> [si.tu], <i>in-do-le</i> [ĩ.do.li]).	Ao contrário do francês, nos casos de nasalização com a ocorrência de 'im', 'ím', 'in', 'ín' na mesma sílaba, o 'm' e o 'n' devem ser levemente pronunciados.
o			
o	[o] ou [ɔ]	Em posição tônica, a pronúncia da letra 'o' varia arbitrariamente de acordo com as palavras, podendo ser [o] (<i>bo-lo</i> [bo.lo]) ou [ɔ] (<i>cor-da</i> [kor.dɛ]).	Exceção: casos em que a letra 'o' ocorra antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'om' e 'on').
			Em caso de dúvida quanto ao uso de [o] ou [ɔ], é recomendável que se consulte um dicionário da língua portuguesa brasileira.

			Em posição pretônica e pos tônica medial, a letra 'o' deve ser pronunciada como [o] (<i>co-ra-gem</i> [ko'ra.ʒêi], <i>i-co-re</i> [i.ko.ni]).	Exceção: 1. casos em que a letra 'o' ocorra antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'om' e 'on'); 2. a pronúncia alternativa [u] pode ocorrer eventualmente em algumas palavras como variação de [o] nas sílabas pretônicas em que 'o' for seguida de 's' (<i>cos-tu-me</i> [kos'tu.mi]).
	o	[u]	Sempre em posição átona, no final de palavra (<i>ca-lo</i> [ka.lu]).	
	ó	[ɔ]	Sempre (<i>pró</i> [pɔ]).	
	oi	[o:i]	Caracterização do ditongo decrescente [o:i], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>coi-ta-do</i> [ko:'ta.du]).	
	ói	[o'i]	Se a letra 'i' for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [o'i] e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>e-go-ís-mo</i> [e.go'iz.mu]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tônica da palavra.
	õi	[ɔ:i]	Caracterização do ditongo decrescente [ɔ:i], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>á-róis</i> [ã'ɾɔ:is]).	
	ou	[o:u]	Caracterização do ditongo decrescente [o:u], com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba (<i>lou-co</i> [lo:'u.ku]).	A pronúncia [o:u] pode eventualmente ser reduzida para [o] (<i>lou-co</i> [lo.ku]).
	óu	[o'u]	Se a letra 'u' for acentuada, as vogais passam a caracterizar um hiato [o'u] e devem ser pronunciadas em sílabas diferentes (<i>do-tí</i> [do'ti]).	Neste caso, a vogal acentuada corresponde sempre à sílaba tônica da palavra.
	om, on, ôn	[õ]	Se as letras 'o' ou 'õ' forem seguidas pelas letras 'm' ou 'n', na mesma sílaba, formando as seqüências 'om', 'on' e 'ôn', devem ser pronunciadas como [õ] (<i>com-pra</i> [kõ.pɾɛ], <i>son-da</i> [sõ.dɛ], <i>re-cô-n-ca-vo</i> [xe'kõ.ka.vu]).	Ao contrário do francês, nos casos de nasalização com a ocorrência de 'om', 'on', 'ôn' na mesma sílaba, o 'm' e o 'n' devem ser levemente pronunciados.
	om	[õ:u]	Sempre em finais de palavras a seqüência de letras 'om' deve ser pronunciada como um ditongo nasal decrescente (<i>hom</i> [bõ:u]).	Neste caso, ambas as vogais devem ser nasalizadas. O 'm' final deve ser levemente pronunciado.
u	u ou ú	[u]	Sempre (<i>tu-va</i> [u.vɛ], <i>ca-ju</i> [ka'ʒu]).	Exceção: 1. se a letra 'u' é pronunciada como semivogal [w] nos ditongos crescentes (<i>qua-dra</i> [kwa.dɾɛ]); 2. casos em que a letra 'u' ocorra antes das consoantes 'm' ou 'n' (ver a seguir os casos de 'um', 'úm' e 'un').
	u + vogal	[u] ou [w]	Se a letra 'u' não acentuada for seguida por outra vogal não acentuada este encontro vocálico pode ser pronunciado de duas maneiras distintas: 1. como ditongo crescente, com a pronúncia das duas vogais em uma mesma sílaba e realização de 'u' como semivogal (<i>tê-nue</i> [te.nwi]); 2. como hiato, com a separação das duas vogais em duas sílabas distintas e a representação de 'u' como vogal (<i>tê-nu-e</i> [te.nu.i]).	A escolha da variante mais adequada para estes casos é facultativa e poderá ser motivada por razões de ordem técnica ou estética.

um, un, ún	[ũ]	Se for seguida na mesma sílaba pelas letras 'm' ou 'n', formando as seqüências de letras 'um', 'ún', 'un', a letra [u] deve ser pronunciada como [ũ] (<i>co-mum</i> [ko'mũ], <i>as-sun-to</i> [a'sũ.to], <i>cím-pi-li-ce</i> [kũ.pli.si]).	Ao contrário do francês, neste caso de nasalização com a ocorrência de 'um', 'un', 'ún', 'o', 'm' e 'n' devem ser levemente pronunciados.
------------	-----	---	---

CONSOANTES			
Símbolo ortográfico	Símbolo fonético	Transcrição e pronúncia: informações essenciais	Informações complementares
b	[b]	Sempre (<i>bo-ca</i> [bo.ke], <i>tu-ba</i> [tu.be]).	
c	[s]	Antes da vogal 'e' e suas variantes graficamente acentuadas e da vogal 'i' (<i>ce-do</i> [se.du], <i>cé-ti-co</i> [se.ti.ku], <i>vo-cê</i> [vo.se], <i>ci-da-de</i> [si'da.ðe]).	Nas palavras com encontros consonantais separados por sílabas, a pronúncia destes encontros tende ao fenômeno da epêntese, ou seja, a inclusão de um som vocálico entre as consoantes com a geração de uma nova sílaba (<i>pac-to</i> [pa.ki.tu]). Este fato é importante na música, nas composições em que se atribui uma nota independente a esta nova sílaba epentética.
	[k]	Antes das demais vogais e suas variantes graficamente acentuadas: 'a' (<i>ca-to</i> [ka.tu], <i>cân-ti-co</i> [kã.ti.ku]); 'o' (<i>cor-da</i> [kor.dã], <i>cô-di-go</i> [ko.ði.gu], <i>cô-mo-da</i> [ko.mo.dã]); 'u' (<i>cu-ra</i> [ku.re], <i>cím-pi-li-ce</i> [kũ.pli.si]).	
ç	[s]	Se a letra 'c' for seguida por consoantes na mesma sílaba (<i>cla-ro</i> [kla.ru]) ou em sílaba sucessiva (<i>pac-to</i> [pak.tu]).	
cc	[ks] ou [s]	Sempre (<i>la-ço</i> [la.su]).	
		Na maioria dos casos a seqüência de letras 'çç' deve ser pronunciada como [ks] (<i>dicção</i> [ðik'si:u]). Em alguns casos, admite-se as variáveis [ks] ou [s] (<i>sec-ção</i> [sek'sãu] ou [se'sãu]).	
ch	[ʃ]	Sempre (<i>chu-va</i> [ʃu.vã], <i>ca-cho</i> [ka.ʃu]).	
d	[d]	Antes das vogais 'a', 'e', 'o' e 'u' e suas variantes graficamente acentuadas: 'a' (<i>da-ta</i> [da.tã], <i>dá-ta</i> [da.ta]); 'e' (<i>de-li-ci-a</i> [de.li.si.ã], <i>dé-ci-mo</i> [de.si.mo], <i>i-dên-ti-co</i> [i'dẽ.ti.ku]); 'o' (<i>do-len-te</i> [do.lẽ.tẽ], <i>dô-ri-co</i> [do.ri.ku], <i>i-dô-ne-o</i> [i'do.no]); 'u' (<i>du-ro</i> [du.ru], <i>dú-vi-da</i> [du.vi.dã]).	
		Se a letra 'd' for seguida de 'r' na mesma sílaba (<i>vi-dro</i> [vi.dru]).	

		[ɔ̃]	<p>Antes da vogal 'i' e suas variantes graficamente acentuadas (<i>pe-di-do</i> [peˈɔ̃ʝi.du], <i>di-vi-da</i> [ˈɔ̃ʝi.vi.dɐ]) e antes da letra 'e' átona, que se deve pronunciar como [i], em sílabas finais de palavras (<i>bo-de</i> [ˈbo.ɔ̃ʝi]).</p> <p>Se a letra 'd' for seguida por consoante em sílaba sucessiva (<i>ad-mi-rar</i> [aɔ̃ʝ.miˈrar]).</p>	<p>A pronúncia [ɔ̃ʝ] deve ainda ocorrer em algumas sílabas pretônicas nas quais a letra 'd' seja seguida por 'es', com a pronúncia [ɔ̃ʝis] (<i>des-ti-no</i> [ɔ̃ʝisˈʝi.nu]).</p> <p>Nas palavras com encontros consonantais separados por sílabas, a pronúncia destes encontros tende ao fenômeno da epêntese (<i>ad-mi-rar</i> [aɔ̃ʝi.miˈrar]). Este fato é sobretudo importante na música, uma vez que há composições em que se atribui uma nota independente a esta nova sílaba epentética.</p>
f	f	[f]	Sempre (<i>fá-da</i> [ˈfa.dɐ]).	
g	g	[g]	<p>A pronúncia deve ser sempre [g] se a letra 'g' estiver:</p> <ol style="list-style-type: none"> antes das vogais 'a', 'o' e suas variações (<i>ga-to</i> [ˈga.tu], <i>go-la</i> [ˈgo.lɐ]); antes de 'u' seguido de consoante (<i>gu-la</i> [ˈgu.lɐ]); antes dos encontros vocálicos 'ui' e 'ue' (<i>gui-a</i> [ˈgi.ɐ], <i>guer-ra</i> [ˈgɛ.xɐ]); antes de consoantes (<i>grí-to</i> [ˈgri.tu], <i>in-glês</i> [ˈĩgɫɛs]). 	
		[ʒ]	Se a letra 'g' for seguida pelas vogais 'e', 'i' e suas variações a pronúncia deve ser sempre [ʒ] (<i>ge-lo</i> [ˈʒɛ.lu]).	
h	gu, gü	[gw]	<p>Caracterização dos ditongos crescentes [wa], [we], [wi] e [wo], quando 'gu' ou 'gü' forem seguidos pelas vogais 'a', 'e', 'i', 'o' (<i>á-gua</i> [ˈa.gwɐ], <i>á-güen-tar</i> [a.gwɛˈtar], <i>im-güi-ça</i> [ĩˈgwi.sɐ], <i>e-xi-güo</i> [eˈzi.gwɔ]).</p>	<p>Os encontros vocálicos 'oa' e 'oe', geralmente tratados como hiatos [o'a] e [o'e], podem ser pronunciados como ditongos crescentes (<i>má-goa</i> [ˈma.gwɐ], <i>goe-la</i> [ˈgwe.la]).</p>
		mudo	Sempre em início de palavra (<i>ho-ra</i> [ˈo.rɐ]).	<p>Exceção: casos de palavras emprestadas de outros idiomas em que o 'h' seja pronunciado (nesses casos a pronúncia deve seguir o padrão do respectivo idioma).</p>
j	j	[ʒ]	Sempre (<i>já-ca</i> [ˈʒa.kɐ]).	
k	k	[k]	Somente em empréstimos (<i>kt-wi</i> [kɪˈwi]).	
l	l	[l]	Sempre (<i>la-do</i> [ˈla.du]).	Exceção: letra 'l' em final de sílaba ou palavra (ver a seguir).
		[ːo]	Se 'l' ocorrer em final de sílaba ou palavra (<i>sal-to</i> [ˈsa.u.to], <i>sol</i> [soːu]).	
		[ʎ]	Sempre (<i>bo-lha</i> [ˈbo.ʎɐ]).	

m	m	[m]	Sempre que ocorrer em inícios de palavras ou sílabas (<i>ma-to</i> [ˈma.tu], <i>a-mar</i> [aˈmar]).	Em finais de sílabas, a letra ‘m’ está relacionada à nasalização da vogal que a precede, como demonstram os casos apresentados anteriormente, na tabela das vogais.
n	n	[n]	Sempre que ocorrer em inícios de palavras ou sílabas (<i>no-to</i> [ˈno.tɐ], <i>do-na</i> [ˈdo.nɐ]).	Em finais de sílabas, a letra ‘n’ está relacionada à nasalização da vogal que a precede, como demonstram os casos apresentados anteriormente, na tabela das vogais.
	nh	[ɲ]	Sempre (<i>so-nho</i> [ˈso.ɲu]).	A pronúncia de ‘nh’ no PB, representada por [ɲ] corresponde à articulação de uma consoante nasal palatal, conforme padrão proposto pelo IPA.
p	p	[p]	Sempre (<i>pa-to</i> [ˈpa.tu]).	
q	qu	[k]	Se a seqüência de letras ‘qu’ for seguida pelas vogais ‘e’, ‘i’, ou por suas variantes graficamente acentuadas, deve-se pronunciar sempre [k] (<i>que-rer</i> [keˈreɾ], <i>Quê-ni-a</i> [ˈke.ni.ɐ], <i>qui-lo</i> [ˈki.lu], <i>qui-mi-ca</i> [ˈki.mi.kɐ]).	
	qu, qü	[kw]	Caracterização dos ditongos crescentes [wa], [wɐ], [wẽ], [wɛ], [wi], [wo] e [wo], quando ‘qu’ ou ‘qü’ forem seguidos pelas vogais ‘a’, ‘e’, ‘i’, ‘o’ (<i>quadro</i> [ˈkwa.dɾu], <i>quan-do</i> [ˈkwɔ̃.du], <i>se-quiên-ci-a</i> [seˈkwẽ.si.ɐ], <i>se-qües-tro</i> [seˈkwes.tɾu], <i>e-qüi-no</i> [eˈkwĩ.nu], <i>quo-ci-en-te</i> [kwɔ.siˈẽ.tɨ], <i>quo-ta</i> [ˈkwɔ.tɐ]).	
r	r	[r]	Nas ocorrências de ‘r’ entre vogais (<i>a-rei-a</i> [aˈrɛi.ɐ] e de encontros consonantais (<i>pri-são</i> [priˈzɐ̃.u], <i>a-bra-ço</i> [aˈbra.su]).	
		[x] ou [r]	Em inícios de palavras (<i>rot-pa</i> [ˈro.u.pɐ] ou [ˈro.u.pɛ]), propõe-se como norma para a pronúncia no canto erudito as variantes [x] ou [r], cuja utilização deve considerar as implicações musicais de ordem técnica e/ou estética. Uma vez escolhida uma das variantes para a interpretação de uma determinada obra, ela deve ser mantida em todas as ocorrências similares, ao longo da obra.	A escolha de [x] se justifica por ser esta a representação da principal tendência atual do PB para a pronúncia do caso em questão. Ao se fazer a opção por [r], a pronúncia deve ser branda. Uma pronúncia acentuada pode se caracterizar como “italianada”. Como critérios que devem ser considerados na escolha de [r] ao invés de [x], pode-se considerar: 1. por razões estéticas/musicológicas, a interpretação de repertório anterior a 1937 (estabelecimento das primeiras normas de pronúncia, no I Congresso da Língua Nacional Cantada); 2. por razões técnicas, a realização de música sinfônica, ópera e alguns casos de música coral.

		[r]	Em finais de sílabas (<i>car-ta</i> [kar.tɐ]) e de palavras (<i>a-mor</i> [a'moɾ]).	
rr		[x] ou [r]	Nas ocorrências do dígrafo 'rr' (<i>car-ro</i> [ka.ru] ou [ka.ru]), aplicando-se as mesmas informações essenciais e complementares feitas anteriormente para o caso facultativo de [x] ou [r].	
s	s	[s]	Sempre, em inícios de palavras (<i>sa-po</i> [sa.pu]).	
		[z]	Sempre, entre vogais (<i>me-sa</i> [mɛ.zɐ]).	
	[s] ou [z]	Após a letra 'n' a pronúncia da 's' pode variar arbitrariamente entre [s] (<i>cor-so-lo</i> [kõ'so.lu]) e [z] (<i>trân-si-to</i> [tɾã.zi.tu]).	Devido a esta arbitrariedade no uso de [s] ou [z], é recomendável que se consulte um dicionário da língua portuguesa brasileira.	
		[s] ou [z]	Em finais de sílabas, a pronúncia da letra 's' deve ser [s] se for seguida por uma consoante surda/não-vozeada (<i>fês-ta</i> [fɛs.tɐ]), e deve ser [z] se for seguida por uma consoante sonora/vozeada (<i>mus-go</i> [muz.gu]).	Especialmente no caso de 's' em finais de palavras seguidas por palavras iniciadas por vogais, a pronúncia como [z] deve ser substituída por [s] se ocorrer pontuação gramatical ou pausa entre estas palavras, ou ainda, diminuição de andamento.
			Em finais de palavras, a pronúncia da letra 's' deve ser [s] se for seguida por palavra iniciada por consoante surda/não-vozeada (<i>ti-vas</i> / <i>fres-cas</i> [ʔu.vɛs /fɛs.kɛs]), e deve ser [z] se for seguida por palavra iniciada por vogal ou consoante sonora/vozeada, quando pronunciadas sem pausa entre as palavras (<i>di-as a-le-gres</i> [ʧi.az a'lɛ.gɾis], <i>flo-res bran-cas</i> [flo.riz 'brɛ̃.kɛs]).	Note-se que, se a segunda palavra for iniciada por vogal, ambas as palavras podem se compor em um único segmento na transcrição fonética (<i>di-as a-le-gres</i> [ʧi.a.za'lɛ.gɾis]).
ss	ss	[s]	Sempre (<i>pás-sa-ro</i> [pa.sɐ.ru]).	
		[s]	Sempre (<i>des-ça</i> [dɛ.sɛ]).	
	sc	[s]	Se for seguida pelas vogais 'e', 'i' ou suas variações graficamente accentuadas, a seqüência de letras 'sc' deve ser pronunciada como [s] (<i>mas-cer</i> [ma'sɛɾ]).	Seguida pelas demais vogais, as duas letras da seqüência 'sc' devem ser pronunciadas em duas sílabas separadas (<i>pis-car</i> [pis'kar]).
t	t	[t]	Antes de 'e' em posição tónica (<i>car-tei-ra</i> [kar'tɛi.rɐ]) e das vogais 'a', 'o', 'u' (<i>a-ta-lho</i> [a'ta.λu], <i>tol-do</i> [to:u.du], <i>ti-ba</i> [tu.bɐ]).	
			Nos casos em que a letra 't' for seguida na mesma sílaba por 'r' ou 'l' (<i>tri-bo</i> [tri.bu], <i>a-tlas</i> [a.tlɛs]).	

		[tʃ]	<p>Sempre, antes da letra 'i' (<i>in-ta</i> [ʃi.te]).</p> <p>Antes da letra 'e' em posição átona, na última sílaba da palavra (<i>po-te</i> [pɔ.tʃi]).</p> <p>Nos casos em que seja seguida por consoantes em sílaba consecutiva (<i>at-mos-fe-ra</i> [atʃ.mos'fe.rɐ]).</p>	<p>A pronúncia [tʃ] deve ainda ocorrer em algumas sílabas pretônicas nas quais a letra 't' seja seguida por 'es', com a pronúncia [tʃ] (<i>tes-te-mu-mta</i> [tʃs.tʃi.mu.ɲɛ]).</p> <p>Nas palavras com encontros consonantais separados por sílabas, a pronúncia destes encontros tende ao fenômeno da epêntese (<i>at-mos-fe-ra</i> [a.tʃi.mos'fe.rɐ]). Este fato é sobretudo importante na música, uma vez que há composições em que se atribui uma nota independente a esta nova sílaba epentética.</p>
v	v	[v]	Sempre (<i>vi-da</i> [vi.dɐ]).	
w	w	[v] ou [w]	Nos casos de empréstimos de outros idiomas, pode ser pronunciado como a consoante [v] (por exemplo, a palavra alemã <i>Volks-wa-ger</i>) ou como a semivogal [w] (por exemplo, a palavra chinesa transliterada como <i>ki-wi</i>).	<p>A transcrição fonética dos exemplos apresentados ao lado deve tomar como referência os padrões propostos para os respectivos idiomas.</p>
x	x	[ʃ]	Sempre, em inícios de palavras (<i>xa-ro-pe</i> [ʃa'ɾɔ.pɛ]).	
		[ks]	Sempre, em finais de palavras (<i>tó-rax</i> [tɔ.raks]).	
		[s]	Seguido de consoante (<i>ex-tin-ção</i> [es.tĩ'ɕɔ̃u]).	
		[ks], [s], [ʃ] ou [z]	Entre vogais tem pronúncia arbitrariamente variável (<i>tá-xi</i> [tʃa.ksɪ], <i>pró-xi-mo</i> [pɾɔ.sɪ.mu], <i>cat-xa</i> [kai.ʃ]. <i>e-xem-plo</i> [e'zɛ.plu]).	Devido a esta arbitrariedade no uso de [ks], [s], [ʃ] ou [z], é recomendável que se consulte um dicionário da língua portuguesa brasileira.
	xc	[s]	Se for seguida pelas vogais 'e', 'i' ou suas variações graficamente acentuadas, a seqüência de letras 'xc' deve ser pronunciada como [s] (<i>ex-cen-te</i> [es.e'dɛt.ʃ]).	
y	y	[i] ou [j]	Nos casos de empréstimos de outros idiomas, pode ser pronunciado como a vogal [i] (por exemplo, a palavra indígena brasileira <i>y-pi-ó-ca</i>) ou como semivogal [j] (por exemplo, a palavra japonesa transliterada como <i>sho-yu</i>).	<p>A transcrição fonética dos exemplos apresentados ao lado deve tomar como referência os padrões propostos para os respectivos idiomas.</p>
z	z	[s]	Sempre, em finais de palavras (<i>zaz</i> [pas]).	Exceção: nos casos em que a letra 'z', nos finais de palavras, for seguida por outra palavra iniciada por vogal (ver a seguir em [z]).
		[z]	Nos inícios de sílabas (<i>ze-ro</i> [ze.ru]) ou nos casos em que a letra 'z', nos finais de palavras, for seguida por outra palavra iniciada por vogal (<i>luz e-te-rna</i> [luz e'tɛr.nɐ]) ou consoante sonora (<i>luz bri-lhan-te</i> [luz bɾi'ʎɔ̃.tɛ.ʃ]).	Note-se que, no último caso da coluna ao lado, se a segunda palavra for iniciada por vogal, ambas as palavras podem se compor em um único segmento, na transcrição fonética (<i>luz e-te-rna</i> [lu.zɛ'tɛr.nɐ]).

.....

Adriana Giarola Kayama. Doutora em Performance Practice pela University of Washington. Docente da UNICAMP, atua nas áreas de canto, técnica vocal, dicção, fisiologia da voz e música de câmara. Atualmente é Coordenadora Associada do Curso de Graduação em Música da UNICAMP. Foi presidente da ANPPOM de 2003 a 2007.

Flávio Carvalho. Doutor em Música - Canto - pela UNICAMP (2005), é atualmente professor adjunto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atua na área de Práticas Interpretativas como cantor e professor e como pesquisador tem se dedicado aos seguintes temas: musicologia histórica, ópera brasileira e canto erudito brasileiro.

Luciana Monteiro de Castro. mezzo-soprano, formou-se em Canto pelo Conservatório Nacional de Lisboa e pela UFMG, onde realizou Mestrado em Música e cursa atualmente Doutorado em Literatura Comparada. Leciona Canto na UFMG desde 2002 e participa do grupo de pesquisa Resgate da Canção Brasileira. Atuou como solista em óperas e obras sinfônicas sob as regências de David Machado, Emílio de César, Elena Herrera, Marcelo Ramos, Luiz Fernando Malheiro, Isaac Karabtchevsky e Silvio Viegas.

Martha Herr. Doutora em Música pelo Michigan State University e Livre-Docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), tem participado de recitais, óperas e gravações no Brasil, nos Estados Unidos e Europa, como solista e integrante de vários conjuntos de música brasileira e de música contemporânea. Coordenadora da área de Canto da UNESP (São Paulo) e professora na pós-graduação, recebeu, em 1998, o Prêmio Carlos Gomes da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Em 2005, organizou o 4º Encontro Brasileiro de Canto.

Mirna Rubim. Professora adjunta de Canto da UNIRIO, doutora em Voice Performance pela Universidade em Michigan e Mestre em Música pela UNIRIO. Tem trabalhado arduamente na questão da pronúncia do português cantado e gravou em 2007 o DVD e CD da Floresta do Amazonas sob a batuta do maestro Isaac Karabitchevsky, dentro dos padrões da pronúncia neutra estabelecida nos Grupos de Estudo dos quais tem participado assiduamente desde 2004.

Mônica Pedrosa de Pádua. Bacharel em Canto pela Escola de Música da UFMG, Mestre em Canto pela Manhattan School of Music e Doutoranda em Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG. É professora de Canto na Escola de Música da UFMG e atua regularmente como solista e recitalista. Pesquisadora do CNPq, é membro do Grupo de Pesquisa "Resgate da Canção Brasileira".

Wladimir Mattos. Mestre em Música pela UNESP, mesma instituição na qual concluiu o Bacharelado em Música com Habilitação em Canto. É professor junto à Faculdade Santa Marcelina e ao Instituto de Artes da UNESP, onde também é vice-líder do Grupo de Estudos da Expressão Vocal na Performance Musical (UNESP/CNPq). Atualmente, cursa o doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde investiga as influências da aprendizagem musical sobre o desenvolvimento da linguagem.